



A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM AMBIENTE HOSPITALAR

THE PEDAGOGUE'S PERFORMANCE IN A HOSPITAL ENVIRONMENT

Antonia Ediele de Freitas Coelho¹
Carlos Alberto Rodrigues de Souza²
João Manoel da Silva Malheiro³

RESUMO: O presente artigo procura abordar a atuação do pedagogo em ambientes não formais de ensino, considerando suas principais funções dentro do espaço hospitalar. Fazemos um breve comentário sobre o conceito da educação não formal, considerando os diversos meios de atuação do profissional da Pedagogia, de acordo com as necessidades ocasionadas pelas transformações sociais. Realizamos uma pesquisa qualitativa, por meio de uma entrevista semiestruturada com uma pedagoga atuante em um hospital municipal do Norte do Brasil, além de conhecer a brinquedoteca onde acontecem os atendimentos. Os resultados apontam que o pedagogo possui funções distintas daquelas apresentadas em ambiente formal de educação, pois é necessário saber transformar o espaço hospitalar em um ambiente acolhedor para a criança enferma, de forma que este minimize seus traumas ou medos ocasionados por sua situação.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Pedagogo; Criança; Ludicidade.

ABSTRACT: This article seeks to address the role of the pedagogue in non-formal teaching environments, considering its main functions within the hospital space. We make a brief comment on the concept of non-formal education, considering the various means of action of Pedagogy professionals, according to the needs caused by social transformations. We carried out a qualitative research, through a semi-structured interview with a pedagogue working in a municipal hospital in the north of the country, in addition to visiting the toy library where the consultations take place. The results show that the pedagogue has different functions from those presented in a formal educational environment, as it is necessary to know how to transform the hospital space into a cozy environment for the sick child, so that he minimizes his traumas or fears caused by his situation.

Key words: Hospital Pedagogy; Pedagogue; Kid; Playfulness.

INTRODUÇÃO

A hospitalização comumente representa uma ameaça ao ser humano, de maneiras profundas e, quase sempre, vem acompanhada pelo sentimento de angústia, medo e ansiedade, sobretudo para crianças e jovens, que veem este espaço como um ambiente de dor e sofrimento. Por isso, são necessárias estratégias de adaptação da criança neste novo espaço hospitalar, o qual, desde o início de sua internação, precisa facilitar o processo de interação com os profissionais que ali atuam, envolvendo desde a colaboração administrativa de atuações médicas, até o atendimento pedagógico, que por sua vez, necessita oferecer um ambiente agradável, motivador, flexível, que contribua para a aceitação do tratamento e um bom convívio familiar, possibilitando a utilização

¹ Antonia Ediele de Freitas Coelho, ediele.freitas@gmail.com

² Carlos Alberto Rodrigues de Souza, carlos.ed.fisica2@gmail.com

³ João Manoel da Silva Malheiro, joaomalheiro@ufpa.br



de situações lúdicas e de entretenimento para que as atividades realizadas possam ser significativas.

Dessa maneira, o atendimento pedagógico no hospital procura oferecer a estas crianças e jovens situações práticas de envolvimento, ludicidade, de forma a permitir que os pacientes (alunos, antes adaptados apenas aos espaços formais de educação), possam continuar aprendendo e se desenvolvendo no hospital, almejando também amenizar as dores causadas pelos procedimentos médicos e pelos medos desenvolvidos nesse ambiente, além de diminuir a carência marcada pela separação dos amigos, da família, pela quebra de sua rotina de vida (GADOTTI, 2005).

Quando discutimos a função do pedagogo em ambientes que não sejam os formais de educação, percebemos que este é um tema até então diferenciado, já que a formação em Pedagogia é quase que exclusivamente voltada para contextos escolares. Por isso, consideramos importante compreender de que maneira é realizado o atendimento da criança hospitalizada, destacando a relevância do papel do pedagogo nestes espaços.

Por conta disso, realizamos uma pesquisa de campo em um hospital municipal situado no Norte do Brasil, que conta com o apoio de uma pedagoga, para que pudéssemos analisar a atuação pedagógica no ambiente hospitalar, ressaltando que este espaço comporta uma brinquedoteca, ambiente considerado essencial para que o atendimento possa ocorrer fora dos leitos hospitalares.

Destacamos a relevância da educação não formal, considerando que esta possui como um de seus objetivos o de complementação daquilo que a escola não pode realizar por motivos que podem envolver questões socioculturais e individuais dos sujeitos abrangidos neste processo (GOHN, 2010). Além disso, a educação não formal envolve transformações sociais que podem e vão influenciar no desenvolvimento de atividades não formais em ambientes não escolares.

Abordamos, entre outros temas, as características do trabalho desenvolvido pelo pedagogo hospitalar, a função desse trabalho, a importância da ludicidade, a brinquedoteca e a relação familiar, para que possamos compreender quais os desafios que esses alunos internados precisam enfrentar nesses novos espaços para aprendizagem.

Características da educação não formal

Objetivando compreender melhor a Pedagogia em ambiente hospitalar é necessário que se faça distinção entre educação formal, não formal e informal e perceber as características de cada uma delas. Deste modo, podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida em escolas, os conteúdos e conceitos estudados são previamente demarcados por um currículo escolar (GOHN, 2010).

Ainda segundo Gohn (2010), a educação não formal compreende aquela que se aprende “no mundo da vida”, por meio de processos de compartilhamentos, em ambientes e ações do dia a dia, partilhadas na relação coletiva. Por sua vez, a educação informal envolve os aprendizados nos quais os sujeitos capacitam-se durante seu processo de socialização, gerada nas relações estabelecidas intra e extrafamiliares, como na igreja, por exemplo.

De acordo com as transformações que a sociedade vem sofrendo, percebemos que o processo de aprendizagem não acontece somente em ambientes escolares, mas também fora das escolas, sobretudo, porque nem todos os sujeitos frequentam instituições formais de ensino pelos mais diversos motivos, surgindo assim, a necessidade de uma Pedagogia que trate da educação não formal.

Além disso, a educação não formal necessita focar em dimensões que façam com que a aprendizagem de conteúdos possibilite aos sujeitos fazer uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor (FREIRE, 1997), de maneira a promover exercícios



de práticas “que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos (GOHN, 2010, p. 35).

Com isso, percebemos que o campo de atuação do pedagogo abrange aspectos que estão além de ambientes formais de educação, ou seja, o pedagogo deverá estar apto as novas funções e cargos que lhe são atribuídos como, por exemplo, a educação não formal. Além disso, Gadotti (2005), acrescenta que toda atividade educacional que é organizada de maneira sistemática, e executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionadas de ensino a determinados subgrupos da população, deve ser considerado como não formal de ensino.

Considerando isso, podemos perceber a importância desses profissionais que atuam em ambientes não formais, já que, eles estão diretamente ligados à compreensão e intervenção na realidade das pessoas que estão incluídas nos “subgrupos da população”, isto é, pessoas marginalizadas por uma educação sistematizada e que por meio da educação não formal passarão por um procedimento de repolitização, que é novo processo de caracterização de um sujeito social que objetiva prepará-lo para o enfrentamento de uma pedagogia sistematizada em um ambiente formal, ou seja, o ambiente escolar.

Arroyo (2012) completa esta ideia quando afirma que

reconhecer a presença de Outros Sujeitos nos movimentos sociais ou nas escolas e reconhecer Outras Pedagogias exige reconhecer as contradições que estão postas entre essa diversidade de lutas por reconhecimentos, por direitos. Tensões que estão postas nas concepções, modos de pensar, intervir, garantir ou negar direitos (ARROYO, 2012, p.19).

Assim, consideram-se as divergências que estão inclusas na tentativa de reconhecimento de uma Pedagogia que está além da Pedagogia tradicional, ou seja, uma Pedagogia que possa ser considerada não formal, mas que mesmo assim, seja reconhecida como essencial para a formação de “Outros Sujeitos” (ARROYO, 2012).

Sobre isso, Freire (1997) afirma que devemos considerar que é aprendendo que aprendemos a ensinar, pois só assim seria possível dar a devida importância as experiências informais apreendidas “nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação” (p. 50).

Demonstrando o quanto os diferentes saberes podem se manifestar nos lugares mais imprevistos, colaborando para destacar a importância do papel do pedagogo nesses ambientes, pois são eles que se tornarão responsáveis pela formulação de projetos que possam agir de maneira coerente nesses espaços.

Isso se torna necessário também para o ambiente hospitalar, pois

[...] para a pessoa hospitalizada, o tratamento de saúde não envolve apenas os aspectos biológicos da tradicional assistência médica à enfermidade. A experiência de adoecimento e hospitalização implica mudar rotinas, separar-se de familiares, amigos e objetos significativos; sujeitar-se a procedimentos invasivos e dolorosos e, ainda, sofrer com a solidão e o medo da morte – uma realidade constante nos hospitais (BRASIL, 2002, p. 10).

Nesse sentido, o a humanização tão defendida por Freire (1997) precisa ser considerada, pois somente assim se tornaria possível transformar as realidades daquelas crianças e jovens que estão, na maioria das vezes, demarcadas pelo medo do desconhecido, medo que a doença possa impedir a realização de seus sonhos e desejos, além do receio da morte.



Pedagogia Hospitalar: atuação do pedagogo em ambiente não formal

A história da Pedagogia Hospitalar, segundo Lima e Paleologo (2012), teve início em Paris na década de 1935. Neste período, Henri Sellier foi quem inaugurou a primeira escola para crianças consideradas “inadaptadas” às quais podemos melhor nomear de doentes, enfermas ou em situação de internação. Foi a partir daí que surgiram outros espaços destinados a estas crianças em países como a Alemanha, França, em toda a Europa e também nos Estados Unidos com o intuito, a princípio de suprir as necessidades escolares de crianças enfermas com tuberculose.

Já em nosso país, os movimentos em prol da Pedagogia Hospitalar tiveram seu apogeu na década de 1950 no Rio de Janeiro, no Hospital e Escola Menino Jesus, que conforme Lima e Paleologo (2012), ainda permanecem exercendo suas funções até este período.

Além disso, consideramos relevante destacar que nesta investigação, compreendemos a Pedagogia Hospitalar como uma área da Pedagogia que compreende como foco de seus estudos a investigação, cuidado, e dedicação a situação do estudante em ambiente hospitalar, para que este continue prosperando em seus estudos, em sua aprendizagem cultural, social e formativa, bem como ao modo de enfrentar sua(s) enfermidade(s), de modo que desenvolva a capacidade de compreender seu estado físico e psicológico para que possa alcançar seu autocuidado e a prevenção de outras possibilidades de alterações relacionadas a sua saúde.

Diversas pesquisas apontam que o espaço destinado as atividades pedagógicas envolvendo o espaço hospitalar costumam ser denominadas de Classes Hospitalares (OLIVEIRA; SOUZA FILHO; GONÇALVES, 2008; MATOS, 2009; SOUZA, 2011; LIMA; PALEOLOGO, 2012). Estes ambientes possuem a função de dar continuidade às atividades escolares de crianças e alunos, que podem ir da educação infantil ao ensino fundamental, e que precisam permanecer internadas por um período longo de tempo.

O objetivo das Classes Hospitalares, compreende manter e/ou recuperar a socialização destes jovens e crianças por meio de um processo de inclusão e permitindo-lhes continuar a desenvolver sua aprendizagem e oportunizar aos educadores desafios novos e possibilidades de construção de novos conhecimentos e atitudes, em virtude do ambiente diferente do que se está acostumado em sala de aula (FONTES, 2008).

Além disso, o ambiente da Classe Hospitalar precisa ser envolvido por um espaço diferenciado, que necessita ser acolhedor. É com base nisso que muitos hospitais atribuem a este espaço uma brinquedoteca, que é um lugar onde deve-se possuir muitos estímulos visuais, com a presença de jogos, brinquedos, materiais escolares, tornando-se um espaço aconchegante, estimulante e alegre para as crianças.

Desta forma, acreditamos que é por meio de brincadeiras e dinâmicas, que os adolescentes e crianças internados conseguem encontrar diferentes formas de viver e enfrentar a situação ocasionado pela doença, de maneira positiva e criativa, sobretudo, quando o tempo destinado a internação é maior do que se espera.

Compreendemos então, que o trabalho desenvolvido em Classe Hospitalar colabora para que haja a diminuição do risco de comprometimento emocional, físico, mental e pedagógico dos enfermos, até mesmo porquê no cenário atual, o conceito de saúde estende-se para a compreensão do bem-estar mental, físico e social, como um atributo de condições que precisam ser criadas coletivamente, para proporcionar a sociedade a capacidade de se produzir e reproduzir de modo saudável com condições de vida, de modo a permiti-lhes constituir-se social e fisicamente em seu meio sociocultural, o que leva-nos a reconsiderar a respeito da atenção que direcionamos (ou não) ao indivíduo que adoece e procura no hospital o acolhimento necessário para o início de seu tratamento.



Apesar de que a educação não formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadores de titularidades, necessita de um olhar diferenciado para que possa cumprir o papel a que se destina. Nesse sentido, difere da educação formal porque esta última possui uma legislação nacional que normatiza critérios e procedimentos específicos (GOHN, 2010).

Atentamo-nos, dessa forma, a uma educação que visa uma formação direcionada para atender, tanto a formação social dos sujeitos, quanto à aprendizagem de conteúdos escolares, mas estes não terão caráter sistematizador de ambientes escolares, no entanto, o conhecimento serve primeiramente para nos conhecermos melhor, e todas as nossas circunstâncias. Serve para conhecer o mundo e adquirirmos as habilidades e competências do mundo do trabalho (GADOTTI, 2005).

Dessa forma, o conhecimento é essencial, entretanto, a formação de valores sociais é a mais almejada na educação não formal. Segundo Gadotti (2005),

a **educação não-formal** é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem (GADOTTI, 2005, p. 2, grifo do autor).

Isto é o que ocorre, por exemplo, em um ambiente hospitalar, onde grande parte dos planejamentos e projetos não possui um final, visto que, os integrantes dos mesmos são variantes, ou seja, são pacientes que podem sair do hospital a qualquer momento.

Nesse aspecto, o papel do pedagogo hospitalar varia de acordo com as necessidades dos integrantes de seu atual contexto de atuação. A formação acadêmica deixa lacunas que necessitam ser preenchidas por meio de cursos ou especializações para atender as especificidades do contexto hospitalar (ARROYO, 2012).

Mas para Fontes (2008), a atuação do professor em ambiente hospitalar exigirá o desenvolvimento de habilidades que nenhum curso ensina, pois refere-se à disposição para saber trabalhar com o imprevisto, como por exemplo, “uma criança repentinamente começa a ter convulsões, uma outra teve uma recaída aparentemente inexplicável ou, ainda, aquela que foi tirada da atividade para tomar medicação intravenosa” (p. 80).

São situações que exigem atitudes do profissional da Pedagogia um preparo psicológico para atuar nesses casos, além de conhecimentos teóricos e práticos que são adquiridos durante a sua atuação no ambiente hospitalar.

O pedagogo também deve estar consciente que se trata de um ambiente diferenciado que necessita de metodologias distintas, ou seja, não pode levar para esse novo âmbito de trabalho uma forma tradicional de ensinar, considerando que a Pedagogia Hospitalar se trata de educação não formal (GOHN, 2010).

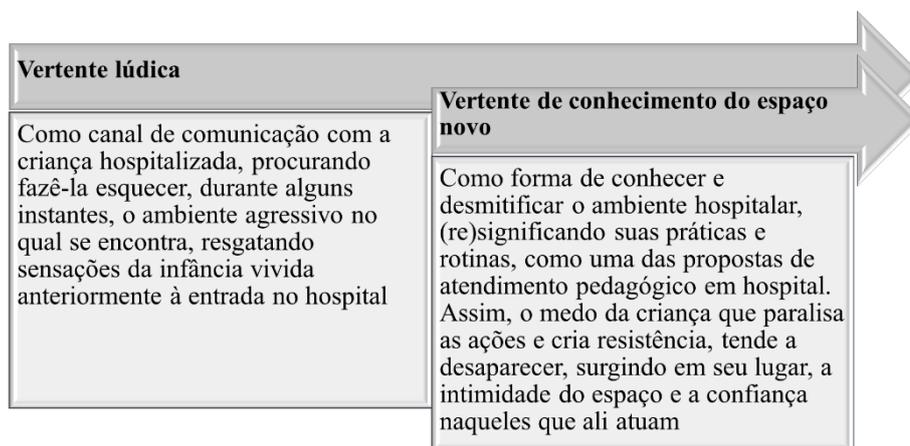
Assim, compreendemos a Pedagogia Hospitalar como uma proposta diferenciada da Pedagogia Tradicional (voltada para ambientes formais de educação), pois ela acontece em âmbito hospitalar, almejando contribuir para a construção de conhecimentos sobre esse novo contexto de aprendizagem em que a criança ou jovem está inserido, o objetivo maior é priorizar o bem estar da pessoa enferma (FONTES, 2008; MATOS, 2009).

Deste modo, a Pedagogia Hospitalar pressupõe um atendimento humanizado de saúde, que são produzidas de acordo com a necessidade do ambiente e dos participantes que nela estão inseridos, e o aprendizado acontece de maneira coletiva, por meio de metodologias diferenciadas,



levando em consideração a realidade de cada criança que está envolvida neste processo (SOUZA, 2011).

Dentro da Pedagogia Hospitalar encontramos duas vertentes, segundo Fontes (2008): a primeira utiliza o lúdico; e a segunda o processo de conhecimento deste novo espaço. Resumidamente, estas duas vertentes podem ser assim descritas, de acordo com a figura 1, a seguir:



Figura

1:

Vertentes da Pedagogia Hospitalar

Fonte: Adaptado pelos autores com base em Fontes (2008).

Além dessas vertentes, Souza (2011), destaca outros fatores como sendo essenciais ao fazer pedagógico em ambiente hospitalar. Estes fatores são baseados nestas vertentes e possuem o objetivo de esclarecer que as situações desenvolvidas na Classe Hospitalar se diferem em muitos aspectos das metodologias utilizadas em sala de aula, por isso, se caracterizam como um conjunto de situações específicas e oriundas de um ambiente não formal, conforme podemos verificar na figura 2, a seguir:

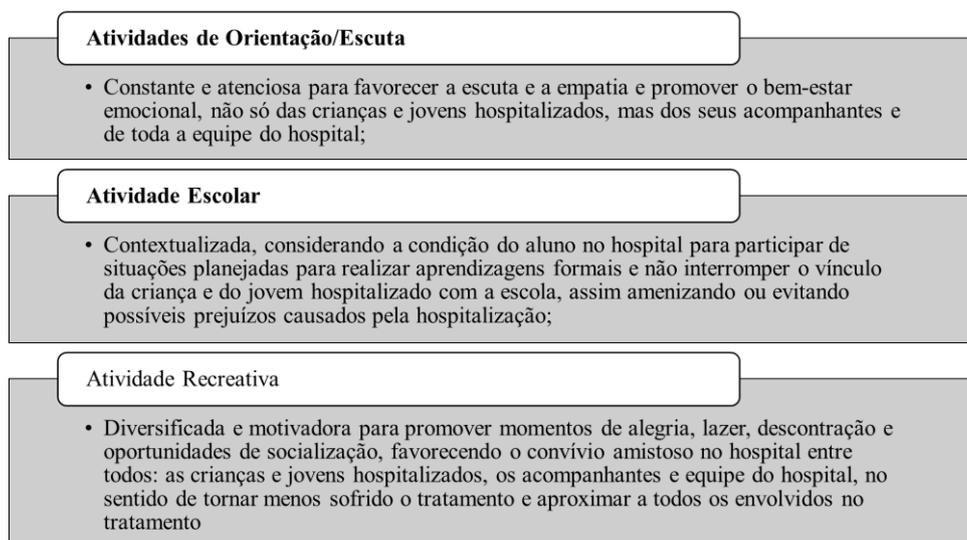


Figura 2: Fatores essenciais ao fazer pedagógico em ambiente hospitalar

Fonte: Adaptado pelos autores com base em Fontes (2008).



Deste modo, torna-se importante oportunizar as crianças e jovens hospitalizados, a possibilidade de vivenciar situações de aprendizagem por meio de atividades lúdico-pedagógicas, com o objetivo de fazê-la familiarizar-se com o estar, ver e aprender no hospital.

É necessário tornar esse processo mais acessível para que a criança possa se adaptar ao novo ambiente, sem traumas que possam comprometer sua recuperação, pois medos e ansiedades podem prorrogar o tempo de internação. Além de que, este ambiente pode possibilitar uma “normalidade” a vida cotidiana da criança, já que, ir à escola é uma torna comum a praticamente todas as crianças e o fato de estar em um ambiente diferenciado pode interferir até mesmo em questões psicológicas, caso o esse entendimento não ocorra de maneira eficiente (SOUZA, 2011).

Além disso, é necessário compreender que cada dia vivido por uma criança em um ambiente hospitalar de forma menos dolorosa, é uma experiência a ser comemorada, pois vai ser um dia marcado positivamente pelo resto de sua vida.

METODOLOGIA

Esta investigação pressupõe características de um estudo descritivo fundamentado em uma abordagem qualitativa, por isso consideramos a teoria apresentada por Bogdan e Biklen (1994), ao defenderem que nesse tipo de investigação o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.

Além disso, uma pesquisa qualitativa é utilizada quando o fenômeno estudado é subjetivo e complexo, ou seja, de natureza social. Ela é de caráter interpretativo, por isso tem como finalidade descrever, apresentar e compreender o objeto analisado.

Deste modo, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental sobre o tema, considerando que nesta etapa da pesquisa é possível compreendermos a realidade que envolve a temática, destacando a opinião e atitudes de outros pesquisadores (GIL, 2007).

Além disso, utilizamos a entrevista aberta, como instrumento de pesquisa, com uma pedagoga que atua em um hospital municipal do Norte do Brasil. Para tanto, a conversa foi áudio gravada, com o objetivo de facilitar as transcrições para análise dos dados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Com o intuito de preservar a identidade da participante, sempre que necessário daremos a ela o nome de “Pedagoga Hospitalar” e a devida referência da entrevista concedida em setembro de 2019.

A quantidade de pacientes que participa das atividades é bem diversificada, variando continuamente, por isso, não se pode estimar quantas crianças estavam sendo atendidas na ocasião, no entanto, segundo a pedagoga entrevistada esse número varia de um a oito pacientes por dia.

Para a coleta dos dados, além das gravações, tivemos a oportunidade de conhecer o espaço do hospital onde funciona a brinquedoteca, bem como algumas das atividades descritas pela pedagoga. Ressaltamos que este momento é importante não somente para coletar informações que deem conta dos conceitos, mas também para obter informações que possam se aplicar posteriormente para o tratamento necessário de teste de hipóteses (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A brinquedoteca destinada ao hospital e associada a Classe Hospitalar possuía diversificados brinquedos masculinos e femininos, como: bolas, bonecas, trilhas, jogo da memória, dentre outros. Além disso, possuía também um espaço para pintura com cadeiras e mesas de tamanhos variados para que pudesse ser adaptado a faixa etária dos pacientes, bem como espaço com rampas e apoio para cadeirantes. As paredes eram pintadas com desenhos infantis e



bem coloridos que representavam espaços da natureza, com parques, árvores, crianças brincando e jogando em conjunto, e em uma das paredes destinava-se para exposição das pinturas e atividades realizadas pelas crianças. As atividades expostas se referiam aos numerais, pinturas de objetos e letras do alfabeto. Um grande relógio com ponteiros móveis também complementava o ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção trataremos as respostas da pedagoga, ao ser questionada sobre diversos aspectos que envolvem sua função no ambiente hospitalar. As perguntas foram organizadas em uma folha a parte pelos pesquisados, mas outros questionamentos foram realizados com base nas respostas dadas pela Pedagoga Hospitalar.

Quando questionada sobre sua principal função exercida no hospital, a Pedagoga Hospitalar nos informou que é bastante comum que a doença a que são acometidos crianças e jovens hospitalizados provoque mudanças também em domicílio, que são ocasionados pela dificuldade de todos os familiares mais próximos em lidar com a nova situação, por isso, uma das funções que ganha maior destaque é a de aconselhamento com todos os envolvidos: pais, avós, irmãos, dentre outros.

Sobre isso, Souza (2011) acrescenta que é bastante comum este tipo de dificuldade em aceitar a doença, por isso, na maioria das vezes os familiares se culpam pela enfermidade ou culpam uns aos outros, e isso se manifesta de forma mais intensa, quando acontece internação hospitalar, tanto pela gravidade da doença, quanto pela necessidade de que pais, mães ou outros familiares abandonem seus empregos e rotinas, mesmo que temporariamente, para acompanhar a criança ou o jovem no hospital.

Outra função importante destacada pela Pedagoga hospitalar, compreende a de diminuir a incidência de situações traumáticas, pois segundo ela, “cada dia vivido em um hospital longe do conforto de casa e das brincadeiras com os amigos e dos pais, é um dia complicado, marcado por medos de não voltar para casa”, e quando estão na brinquedoteca, as crianças esquecem de tudo aquilo, esquecem pelo menos por um tempinho, das situações que envolvem exames constantes, os acessos intravenosos (PEDAGOGA HOSPITALAR, 2019).

Segundo Fontes (2008) um dia vivenciado por uma criança no hospital de forma negativa, pode ficar gravado em sua memória como uma experiência ruim e determinar interações desastrosas com a própria equipe médica em outras internações futuras, se necessárias. Por isso, quanto menos traumática for a estadia no hospital, mais chances de a criança passar por esse período, sem carregar traumas futuros.

Ao questionarmos sobre o tipo de metodologia utilizada nas mediações realizadas com as crianças/jovens, a Pedagoga Hospitalar deixou claro que cada uma das atividades está longe de ser algo tradicional ou com o objetivo de apresentar os conteúdos, pois o foco ali é o de trazer conforto para a criança e, não apenas discutir assuntos como se a criança estivesse em sala de aula, porque a Pedagogia Hospitalar não acontece em um ambiente formal.

A brinquedoteca hospitalar é um dos meios em que o profissional da Pedagogia utiliza o lúdico e também pode trazer uma sensação de bem-estar para a criança enferma, pois a ludicidade é capaz de fazer com que a criança enfrente a doença com mais alegria. Além de ser um meio de troca de conhecimentos, pois os jogos didáticos podem auxiliar no desenvolvimento de atividades relacionadas a conteúdos escolares (OLIVEIRA; SOUZA FILHO; GONÇALVES, 2008).

Para estes autores, a Classe Hospitalar não pode ser vista unicamente como uma sala de aula inserida dentro de um ambiente hospitalar, mas como um atendimento pedagógico especializado. Já que o objetivo central da Pedagogia Hospitalar não é apenas o desenvolvimento



cognitivo, pois o lúdico é primordial para que por meio dele possa se possibilitar atividades capazes de envolver tanto a troca de conhecimentos, quanto a afetividade e o entretenimento.

Sobre a metodologia, outro ponto ressaltado foi o das datas comemorativas. Segundo a Pedagoga Hospitalar, quando precisa ficar internada por um tempo prolongado as crianças veem as datas comemorativas sendo realizadas pela televisão, muitos veem o carnaval, o dia das mães, dos pais, dia das crianças e até mesmo o Natal passar, sem poder comemorar de forma efetiva. Então um projeto que sempre é realizado é o das datas comemorativas, porque mesmo que as crianças possam ir e vir constantemente, todas elas têm em comum o desejo de se divertir e esquecer um pouquinho a enfermidade.

Segundo Fontes (2008), quando fica internada por um tempo prolongado a criança precisa de atividades diferenciadas, para que sua estadia no hospital não a deixe mais doente ainda, e pensando nessa sua necessidade, a Pedagogia Hospitalar busca levar para ela “um pouco de alegria em meio à dor”, na tentativa de animá-la e a fazer esquecer por alguns instantes o motivo pelo qual se encontra naquele ambiente.

Nesse caso, a Pedagoga Hospitalar ressaltou o “bloco da brinquedoteca”, pois a pesquisa foi realizada em período posterior ao carnaval e este fato ainda era bastante recordado pelos pacientes. Segundo ela, “todas as crianças que tinham possibilidade de andar pelo hospital, com músicas e fantasias, o fizeram” (PEDAGOGA HOSPITALAR, 2019). Esse momento foi marcante, pois todos que ali estavam tiveram a oportunidade de brincar um pouco e esquecer as situações a que estavam acometidos, incluindo neste meio médicos, enfermeiros e até mesmo outros pacientes.

Sabemos que a hospitalização distancia a criança de suas atividades cotidianas, podendo contribuir para seu maior adoecimento. Enquanto ser humano em contínuo processo de desenvolvimento, este fator pode prejudicar a criança na constituição de sua subjetividade. A própria doença debilita e causa sofrimento ao impedir a criança de se movimentar e desempenhar as tarefas diárias, afetando sua autoestima. Isso pode fazer com que a criança se entregue aos sintomas da enfermidade, alimentando seu sentimento de impotência diante da dor, o que dificultará sua recuperação (FONTES, 2008; MATOS, 2009).

A respeito da sala específica para o atendimento, que neste hospital se refere a brinquedoteca, a Pedagoga Hospitalar nos informou que foi uma grande aquisição conseguir esse espaço, pois é necessário que seja um ambiente diferente do quarto em que a criança está internada ou recebe atendimento. É preciso um espaço específico e que traga conforto, que tenha objetos diferenciados e que permita a criança se sentir bem, esquecer um pouco as dificuldades que está enfrentando.

Oliveira, Souza Filho e Gonçalves (2008) complementam a fala da Pedagoga, pois para os autores o espaço hospitalar necessita mesmo de uma estrutura diversificada, que seja capaz de despertar o interesse da criança enferma, um espaço diferenciado, acolhedor, com estímulos visuais, jogos, brinquedos, sendo um ambiente alegre e aconchegante. Segundo os autores, é por meio de atividades lúdicas que as crianças e jovens internados encontram maneiras de viver a situação da doença, de maneira criativa e positiva. Por isso, “o trabalho em classe hospitalar faz com que há diminuição do risco de comprometimento mental, emocional e físico dos enfermos” (OLIVEIRA; SOUZA FILHO; GONÇALVES, 2008, p. 23).

O trabalho que o pedagogo exerce no hospital é muito importante, ele precisa ter muita sensibilidade e criatividade para que o trabalho venha a ser realizado de acordo com seus objetivos, ajudando com isso a melhorar seu psicológico, seu relacionamento social e até seu estado de saúde (LIMA; PALEOLOGO, 2012).

Sabendo que o processo de uma criança hospitalizada é uma fase muito delicada, e por não poder ir à escola nesse período ela precisa ter direitos garantidos de assistência no local onde



se encontra, para que não venha ser prejudicada sua vida escolar, Lima e Paleologo (2012) acrescentam que um dos objetivos da classe hospitalar, na área sócio-política, é o de defender o direito de toda criança e adolescente a cidadania, e o respeito às pessoas com necessidades educacionais especiais e no direito de cada um possa ter oportunidades iguais.

Outro ponto destacado pela pedagoga e que merece destaque é o apoio emocional que deve ser ofertado por sua profissão, pois o que mais se fragiliza durante o período de internação é o emocional, segundo ela surgem traumas, ansiedades, medos, angústias e as crianças precisam aprender a lidar com isso e os pedagogos, enquanto atuantes desse espaço precisam aprender a auxiliá-las em como superar esse processo.

A esse respeito, Wolf (2007) acrescenta que a Pedagogia Hospitalar também busca oferecer assessoria e atendimento emocional e humanístico, tanto para o paciente, criança ou jovem, quanto para os seus familiares, que muitas vezes podem apresentar problemas de ordem psico/afetiva, que podem prejudicar ainda mais a adaptação no espaço hospitalar, mas de maneira distinta do que faz um psicólogo ou assistente social, já que o pedagogo não possui tal formação.

Desta forma, o objetivo da Pedagogia Hospitalar não é centrado exclusivamente na criança, o atendimento aos familiares também é importante e necessário, pois estes são envolvidos neste processo de recuperação da criança enferma, já que o apoio da família é uma forma de enfrentamento da doença assim como outros meios já citados anteriormente.

Questionada sobre as principais dificuldades que envolvem a Pedagogia Hospitalar, a Pedagoga ficou bem emocionada em expressar que a principal dificuldade é perder a criança para a doença, pois nesse momento é necessário que o profissionalismo fale mais alto, mas nunca é fácil perder alguém com quem você aprende a conviver, a desenvolver um carinho especial.

Deste modo, Souza (2011), acrescenta que o medo da morte é algo corriqueiro nos hospitais, e isso não poderia ser diferente para o pedagogo que atende nesses espaços, mas como este é também o responsável por auxiliar para que as crianças e jovens saibam como lidar com esse processo de ansiedade, é necessário aprender a superar seus próprios medos e frustrações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação não formal trata-se de uma necessidade de complementação daquilo que a escola não conseguiu suprir por motivos diversos, como o afastamento da criança por causa de alguma enfermidade, por exemplo. Então devemos considerá-la não como algo que procura ir contra os objetivos escolares, mas como alguma coisa que se constrói junto à escola, procurando preencher essas lacunas deixadas por motivos sociais, culturais, políticos ou individuais de cada cidadão.

Destacamos ainda a relevância da educação não formal em relação a seu caráter de transformação social, por envolver fatores que influenciam no desenvolvimento de atividades escolares que não se limitam aos muros da escola.

Nesse contexto, a Pedagogia Hospitalar encontra-se como uma educação não formal, mas que visa se diferenciar da Pedagogia Tradicional, porém também almeja a construção de conhecimentos em um ambiente diferenciado, destacando interesse pelo bem-estar da criança enferma, utilizando a ludicidade como a base para realização de suas atividades, conforme percebemos ao longo das análises.

As características do trabalho desenvolvido nas Classes Hospitalares ultrapassam também o atendimento a criança ou jovem enfermo em relação aos conteúdos curriculares, pois para além disso, tem-se a preocupação com o bem-estar físico, psicológico e sociocultural, pois sabemos que todos estes fatores são decisivos na recuperação da saúde da pessoa enferma.



Acreditamos ainda que realizar um trabalho pedagógico em um campo pouco conhecido nos meios acadêmicos e formais de educação não é uma tarefa fácil, o trabalho do Pedagogo Hospitalar é marcado por grandes desafios, pois o tema viver, sobreviver ou não resistir a enfermidade é algo delicado e se faz presente no dia a dia destes profissionais.

Assim, consideramos o trabalho pedagógico hospitalar como uma forma humanizada de permitir que crianças e jovens acometidos por enfermidades, tenham oportunidade de se sentirem bem, apesar das dificuldades vivenciadas. Além de auxiliar para que seus familiares verifiquem maneiras de superar os problemas ocasionados pela doença repentina e a mudança de vida, que surge com a internação da criança. Por isso, consideramos essencial o atendimento oferecido e acreditamos que formações complementares para estes profissionais devem também ser oferecidas, de modo que possam ser capazes de suprir as dúvidas que surgem ao longo do exercício da profissão pedagógica.

Apesar de considerarmos um grande desafio, acrescentamos que mudanças curriculares aparentam ser necessárias para que a formação inicial em Licenciatura em Pedagogia possa dar os subsídios necessários para que os Pedagogos Hospitalares se sintam preparados e capazes de enfrentar os desafios que lhes aguardam os ambientes não formais de educação, principalmente, na Pedagogia Hospitalar.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Ed. Vozes. Rio de Janeiro: 2012.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC/SEESP). **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.
- FONTES, R. de S. Da classe à Pedagogia Hospitalar: a educação para além da escolarização. **Linhas Críticas**, Florianópolis. v.9, n. 1, p. 72-92, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Ed. Paz e Terra. São Paulo: 1997.
- GADOTTI, M. A questão da educação forma/não formal. In: Institut International Des Droits De L'enfant (Ide) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? **Sion (Suisse)**, 18 au 22 octobre 2005.
- GERGHART, T. E.; SILVEIRA, D. T.; **Métodos da pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. Ed. Cortez. V. 1. São Paulo: 2010.
- LIMA, C. C. F.; PALEOLOGO, S. O. A. Pedagogia Hospitalar: a importância do apoio pedagógico dentro dos hospitais para jovens e crianças. **e-Faceq: revista eletrônica dos discentes da Faculdade Eça de Queiros**. v. 1, n. 1, 2012.
- MATOS, Elizete Lúcia Moreira e MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia Hospitalar: A Humanização Integrando Educação e Saúde**. 4ª Edição. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 2009.



OLIVEIRA, L. M; SOUZA FILHO, V. C. S; GONÇALVES, A. G. Classe Hospitalar e a prática da pedagogia. **Revista científica eletrônica de pedagogia**. v.7, n. 11, 2008.

Pedagoga Hospitalar. **Entrevista cedida aos autores da investigação**. Castanhal (PA), 9 set. 2019.

SOUZA, A. M. A formação do Pedagogo para o trabalho no contexto hospitalar: a experiência da Faculdade de Educação da UnB. **Linhas Críticas**, v. 17, n. 33, p. 251-272. 2011.

WOLF, R. A. do P. Pedagogia hospitalar: A prática do pedagogo em instituição não-escolar. **Revista Conexão UEPG**, v. 3, n. 1, 2007.